

**ENCONTRO E *ALTERIDADE* NAS MARGENS DO IMPÉRIO  
ESPANHOL. OS INDÍGENAS DA PAMPA-PATAGÔNIA NAS  
ESCRITAS DE JOSÉ CARDIEL S.J E THOMAS FALKNER S.J (XVIII)**

**MEETING AND *OTHERNESS* ON THE MARGINS OF THE  
SPANISH EMPIRE. THE INDIGENOUS PEOPLE OF PAMPA-  
PATAGONIA IN THE WRITINGS OF JOSÉ CARDIEL S.J AND  
THOMAS FALKNER S.J (XVIII)**

**ENCUENTRO Y *ALTERIDAD* EN LOS MÁRGENES DEL  
IMPERIO ESPAÑOL. LOS INDÍGENAS DE PAMPA-PATAGONIA EN  
LOS ESCRITOS DE JOSÉ CARDIEL S.J Y THOMAS FALKNER S.J  
(XVIII)**

Thaís Macena de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é uma investigação acerca da escrita de dois jesuítas que atuaram como missionários na região da pampa-patagônia, no Setecentos. Neste contexto, ocorria a segunda tentativa de evangelizar esses nativos, desta vez, ao comando da Companhia de Jesus. Tal empreendimento (1740-1753) proporcionou a intensificação dos contatos interétnicos e o aumento de relatos que nos informam sobre essas populações. Especificamente, o trabalho buscará discutir a construção da *retórica da alteridade* (HARTOG, 2004) de Thomas Falkner S.J e José Cardiel S.J, sobre as populações indígenas da região, a partir de três estereótipos recorrentes nessas fontes. Além disso, possui como objetivo principal, problematizar a noção de *lugar social* (CERTEAU, 2000), apresentando as diferenças e similitudes entre as narrativas dos religiosos, através da análise da trajetória individual de cada um dos religiosos.

**Palavras-chave:** Jesuítas. Indígenas. Alteridade.

**Abstract:** This article is an investigation about the writing of two Jesuits who served as missionaries in the region of Pampa-Patagonia, in the 17th century. In this context, there was a second attempt to evangelize these natives, this time under the command of the Society of Jesus. Such an undertaking (1740-1753) provided the intensification of interethnic contacts and the increase of reports that inform us about these populations. Specifically, the paper will seek to discuss the construction of the rhetoric of otherness (HARTOG, 2004) by Thomas Falkner S.J and José Cardiel S.J, about the indigenous populations of the region, based on three recurrent stereotypes in these sources. In addition, the main objective is to problematize the notion of

social place (CERTEAU, 2000), presenting the differences and similarities between the narratives of the religious, through the analysis of the individual trajectory of each religious.

**Keywords:** Jesuits. Indigenous. Otherness.

**Resumen:** Este artículo es una investigación sobre la escritura de dos jesuitas que sirvieron como misioneros en la región de Pampa-Patagonia, en el siglo XVIII. En este contexto, hubo un segundo intento de evangelizar a estos nativos, esta vez bajo el mando de la Compañía de Jesús. Tal empresa (1740-1753) proporcionó la intensificación de los contactos interétnicos y el aumento de relatos que nos informan sobre estas poblaciones. Específicamente, el trabajo buscará discutir la construcción de la *retórica de la alteridad* (HARTOG, 2004) de Thomas Falkner S.J y José Cardiel S.J, sobre las poblaciones indígenas de la región, a partir de tres estereotipos recurrentes en estas fuentes. Además, su principal objetivo es problematizar la noción de *lugar social* (CERTEAU, 2000), presentando las diferencias y similitudes entre las narrativas de los religiosos, a través del análisis de la trayectoria individual de cada religioso.

**Palabras clave:** Jesuitas. Indígenas. Alteridad.

## Introdução

A partir de um exercício de “autocrítica”, ou seja, o questionamento de seu *lugar* como um jesuíta escrevendo história, Michel de Certeau (2000) formula uma teoria sofisticada, a qual denomina *a operação historiográfica*. Um dos pilares fundamentais dessa operação é o entendimento do *lugar social*, isto é, os vínculos institucionais com um *corpo social*, que, regulamentam/delimitam/balizam o discurso, através do que ele chamou de *interdito*. Muitas pesquisas históricas que utilizam fontes jesuíticas apoiam suas interpretações nesta ideia. Portanto, há uma noção paradigmática de que a escrita jesuítica é, predominantemente, balizada pelo *lugar social* (CERTEAU, 2000) como membro da Companhia de Jesus. O presente trabalho buscará discutir essa noção, a partir do exemplo de dois jesuítas que foram contemporâneos, atuaram no mesmo espaço<sup>ii</sup>, e, ainda assim, produziram relatos bastante singulares.

Para tanto, propomos a análise de algumas fontes elaboradas<sup>iii</sup> por esses indivíduos, atentando para as trajetórias de vida de cada um, suas relações e históricos intelectuais. Nossa intenção não será a de excluir a importância da tradição e dos parâmetros da ordem religiosa na produção dos discursos dos religiosos, mas, apenas apontar que, em meados do século XVIII, esses indivíduos poderiam carregar mais de uma aspiração social ao mesmo tempo (DEL VALLE, 2009), e isso alterou significativamente o conteúdo de seus relatos. Ivonne Del Valle (2009) será uma referência neste trabalho para refletirmos sobre o impacto do espaço da *fronteira* nas escritas dos missionários.

Como objetivo secundário, buscaremos apresentar as principais noções pejorativas sobre os indígenas da região, encontrados nas fontes aqui analisadas. A intenção será perceber e refletir essas nomenclaturas a partir do conceito de *alteridade*. Entendemos que todo o conteúdo dos relatos, não somente a descrição estereotipada dos indígenas, trata-se de uma *retórica da alteridade* (HARTOG, 2004), uma vez que busca encerrar este “outro” – populações humanas e territórios americanos – nos parâmetros ocidentais de escrita, de maneira a exercer poder *sobre* o objeto narrado (PRATT, 1999). Entretanto, posto que há uma limitação espacial neste trabalho, nos atentaremos apenas em três aspectos, de maior incidência nas fontes: os indígenas da pampa bonaerense retratados como *vagabundos, borrachos e traiçoeiros*. Como referencial teórico acerca do conceito de alteridade, contamos com as contribuições, predominantemente, dos seguintes autores: Certeau (2000), Hartog (2004), Pratt (1999) e Todorov (1993).

Para o entendimento das documentações nos valem também de alguns artigos que tratam sobre a temática da escrita jesuítica, primordial principalmente para a análise das fontes de José Cardiel, tais como, COELLO & HAMPE (2011); LONDOÑO (2002); MARTINS (2012); OLIVEIRA (2011); PALOMO (2005).

### **A prática escriturária na Companhia de Jesus**

Desde a fundação da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola foi contundente ao expressar a importância da prática epistolar. Conforme se “espalhavam” pelo mundo a fim de evangelizar, os jesuítas necessitavam manter o sentido de união e de hierarquia. Como aponta Oliveira (2011), as letras assumiram papel importante desde o tempo de seu fundador, entre outras coisas, na difusão de informações acerca das missões de além-mar e seu andamento.

Dispersos na seara do Senhor, Inácio via na correspondência a base para a união dos jesuítas entre si e com os seus superiores. A rede de informações, que pouco a pouco se formará com a circulação da correspondência jesuítica, servirá para que a Companhia faça uma contínua revisão do trabalho feito e estabeleça a previsão sobre o futuro, lançando as bases para um novo método de governo de uma ordem religiosa, essencialmente voltada para a ação missionária (RODRIGUES, 2011, p. 2).

Portanto, desde o início, tornou-se uma preocupação de Loyola manter os religiosos unidos com a ‘cabeça’, isto é, com os dirigentes em Roma. Como explica Federico Palomo,

[...] las letras misivas, en la variada tipología que usaron los jesuítas (de gobierno, edificantes, cuatrimestrales, anuas, etc.), se convertirían en una pieza fundamental del funcionamiento institucional de la orden. Con base, primero, en las reglas que elaboró Juan de Polanco en 1547 y, mas tarde, en la llamada formula o ratio scribendi, la Compañía definió con celeridad y algún

rigor quiénes debían escribir cartas, cuándo, cómo y a quién, estableciendo así flujos intensos de intercambio de noticias entre súbditos y superiores, entre las provincias de la orden y entre éstas y Roma (PALOMO, 2005, p. 59).

O processo de redação desses relatos possui sempre um referencial principal, sendo este a consciência de que é dirigido para outrem e para a posteridade (LONDOÑO, 2002, p.18). Devemos levar em consideração que essa produção escriturária buscava a produção da imagem da Companhia para os seus pares e para o público europeu da época, assim como está condicionada pelo *lugar/lugares* de onde escreviam os jesuítas. Conforme salienta o autor,

O lugar de onde escrevem, e os laços indissociáveis da instituição com a escrita como forma de comunicação e edificação, e as circunstâncias que os levaram a escrever, exigiram dos historiadores uma maneira singular de expressar suas verdades históricas, num tom dramático, heroico, com abundância de metáforas e descrições de forte apelo poético e visual (OLIVEIRA, 2011, p. 271).

Os autores Londoño (2002) e Oliveira (2011) conceituam o modelo de composição desta escrita como “de edificação”. Isto é, o padrão de produção dos escritos jesuítas apresenta uma organização narrativa específica. Sempre há um cenário – a missão – no qual estão presentes as personagens, que são os jesuítas, indígenas e as autoridades coloniais e demais hispano-crioulos<sup>iv</sup>, em que se relacionam. Neste âmbito atuam os obstáculos sempre representados como as vicissitudes à evangelização dos ameríndios, sendo esses percalços apontados como males externos.

Ademais, o modelo de edificação jesuítica refere-se a uma escrita pensada para os pares e superiores dentro da Ordem, como uma resposta para a sociedade europeia, para as autoridades sobre o trabalho nas missões, e, como uma mensagem de esforço, empenho e zelo dos religiosos para a posteridade. Em uma citação de José Cardiel, este aspecto é bastante perceptível:

Difficultades ha de haber, vuelto a decir, y no pocas, pero p.<sup>a</sup> q.do es el animo, el zelo, el empeño, el esfuerzo, y fortaleza â q nos incita aqul spiritu de fuego de “nlo” gran p. V. Igl<sup>a</sup> sino p.<sup>a</sup> cosas de tanta honeza, y gloria de |Dios? No sea alguno delos q leyeren este papel, no sea de aquellos de espíritus, q todo su ingenio lo emplean en poner difficultades, y mas difficultades en las altas empresas del servicio de dos, sin emplearlo juntamente en buscar modos de con q allanarlos: q ese es officio del diablo q officio del apostol. No sea de aquellos que tienen por prudencia temerlo todo, y ahogarse en poco agua (CARDIEL, 1956, [1747], p. 1).

## **Jesuítas e mobilidade**

O esforço individual empreendido pelos religiosos da Companhia de Jesus para a conversão de infiéis é exemplificado no trabalho de José Cardiel, que atuou em diversas regiões

da Província Jesuítica do Paraguai. A ideia de que deveria existir “obediencia y la entrega sin limites al prójimo a través del trabajo apostólico” (COELLO & HAMPE, p. 13, 2011) está presente nos textos dos jesuítas, que, em uma região fronteira cheia de percalços e desafios a serem enfrentados, cada qual com suas motivações, percorreram *tierra dentro* para escreverem seus relatos. “Actuar sobre el mundo y escribir sobre él” (COELLO & HAMPE, p. 13, 2011) é um princípio importantíssimo da Companhia de Jesus, para todos os seus religiosos espalhados pelo mundo, e, verificado nas ações de José Cardiel e Thomas Falkner nesta fronteira austral do império espanhol. De acordo com autores,

La dinamicidad de esta concepción convirtió a la Compañía en una orden religiosa de gran movilidad que esparció a sus miembros como <<peregrinos>> por todo el orbe conocido. El cuarto voto de obediencia al Papa los obligaba a acudir a cualquier frente misionero del mundo pagano o de la vieja Europa. Esse carácter móvil, itinerante, fue una de las principales señas de identidad de los jesuitas como unidad corporativa, configurando el espacio católico alrededor de la circulación de información, textos y objetos (COELLO & HAMPE, p. 13, 2011).

Desta forma, a mobilidade é uma característica marcante dos jesuítas, a qual podemos perceber na conduta de ambos religiosos. Ainda que, por ser um estrangeiro em território da monarquia espanhola, Thomas Falkner possa ter enfrentado maiores obstáculos para conseguir permissões de circulação no território, ele consegue reunir informações suficientes para escrever sua obra, a partir de suas observações pessoais, mas, também, de relatos de informantes indígenas, com os quais, por sinal, mantinha relações muito boas, evidenciando seu perfil diplomático.

No caso de José Cardiel, percebemos que a questão da mobilidade também era importantíssima. Para a execução da viagem que originou *o Diario de viaje y misión al río sauce realizado en 1748*, Cardiel fez uma série de solicitações ao governador da província, explicitando a importância da viagem, tanto para a evangelização de indígenas *infieis*, quanto para a averiguação das potencialidades do território, como a criação de portos, por exemplo.

### **José Cardiel e a produção da escrita nas *margens***

O jesuíta José Cardiel nasceu na Espanha, em 1704. Chegou em Buenos Aires bastante jovem, no ano de 1729. Cardiel atuou na catequese em reduções dos guaranis, missões de mocobis e abipones, charruas, pampas e serranos, e estava nas reduções guaranis quando houve a assinatura e a tentativa de cumprimento do Tratado de Madrid. Nesta ocasião, se envolveu em polêmicas a respeito do Tratado, devido a algumas declarações que proferiu, e sofreu censura do padre visitador Luis de Altamirano. Quando recebeu a notícia da expulsão

dos jesuítas da América espanhola, estava no Pueblo de Concepción. Faleceu em Faenza no ano de 1781.

Nesta seção buscaremos enfatizar o fato de que as fontes de José Cardiel aqui analisadas foram produzidas ainda no continente americano, ou seja, enquanto ele estava vivenciando os acontecimentos na *zona de contato* (PRATT, 1999).

A carta de José Cardiel, endereçada a um companheiro jesuíta e intitulada *Sobre las dificultades que suele haber en la conversión de los indios infieles, y medios para vencerlas* [1747], contém um relato bastante afcionado sobre os desafios e as necessidades que os missionários enfrentavam para levar adiante o projeto de catequese com as populações “infieis” da pampa bonaerense. Possui, em teoria, um propósito bastante diferente do *Diario del viaje*, produzido um ano depois. Entretanto, coloca-se interessante ver que, na prática, há muitas similaridades entre as duas narrativas, principalmente tratando-se do tema dos estereótipos sobre os nativos.

No *Diario del viaje y mision ao Rio de los Sauces* [1748] Cardiel relata o ocorrido nesta empreitada que fez “em grande dose de improvisação. Ele deixou Buenos Aires sem escolta e acompanhado apenas por um estudante jesuíta e por quatro condutores das carretas e cavalos (MARTINS, 2009, p. 4). O *Diario* era composto por dois principais propósitos, o de verificar condições de erigir missões e o de constatar possíveis investimentos para a Coroa espanhola. Mas, quando Cardiel se depara com alguma dificuldade na viagem, ou no contato com indígenas, transparece muito o apelo que faz da manutenção do trabalho apostólico. Isto, apesar de existirem tantos percalços, impostos pelo estranhamento de culturas tão diferentes, ou pelas dificuldades materiais que a *fronreira*<sup>vi</sup> impunha aos religiosos.

Na composição do seu *Diario* [1748], Cardiel se coloca a serviço da fé católica e da coroa espanhola. O próprio nome que deu ao seu relato, assim como o seu conteúdo, evidencia isto: ele estava preocupado em descrever a viagem, o ambiente que encontrou e as possibilidades de investimentos econômicos. Ivonne del Valle em sua obra, *Escrebiendo desde los márgenes. Colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII* (2009), evidencia que os jesuítas, mesmo contra sua vontade, são a “vanguarda do império” nas *fronteras*, uma vez que são os que têm a possibilidade de levar a ocidentalização a esses confins, e produzir relatos sobre meio ambiente e populações, que, posteriormente, serviram para a história e a ciência (DEL VALLE, 2009, p. 13). Entretanto, o empreendimento de Cardiel também correspondia a um trabalho apostólico, no qual ele se colocou enquanto um missionário em busca de populações “infieis”

para catequizar e reduzir. A escrita dos jesuítas é “muchas veces una escritura liminal, una práctica de equilibrio” (DEL VALLE, 2009, p. 14), na qual os religiosos atuam como malabaristas entre os interesses seculares e divinos.

A obra de Ivonne del Valle (2009) apresenta uma investigação sobre as relações entre os jesuítas no século XVIII e as regiões de fronteira (mais especificamente, sobre a região da Nova Espanha), e como a situação de fragilidade afetava, não somente a escrita, mas o sentimento, o corpo e a mentalidade dos religiosos que trabalhavam nessas situações limítrofes. Por isso, tal pesquisa nos auxiliou a levarmos em consideração que a escrita de José Cardiel muito provavelmente tenha sido influenciada por esse contexto. Afinal, esse jesuíta estava escrevendo os relatos aqui analisados enquanto vivia todas as experiências limites de um território “fora” do jugo do poder ocidental, o que fornece maior emotividade ao relato.

Para os jesuítas, as fronteiras eram os limites do mundo, no sentido de que representavam os perigos de sair do bojo da comunidade cristã (DEL VALLE, 2009). Esse território, e toda conjuntura de tensões sociais e culturais que ocorriam nele, exercia pressão sobre os religiosos, que ficavam evidentes em suas escritas. Nesse caso, essa consequência ficou mais evidente nas narrativas de Cardiel do que nas de Falkner, visto que ele experienciou um período maior neste contexto, com diversas sociedades indígenas, como os mocobis, abipones e charruas, além dos pampas e serranos.

Por outro lado, Thomas Falkner escreveu uma narrativa em que não apresenta as dificuldades e desafios que os religiosos enfrentaram na catequese, ao menos, nada comparável aos escritos de Cardiel e outros religiosos da ordem. Enquanto fica nítido ao lermos a narrativa de Cardiel, que a sua principal preocupação é apontar as possibilidades de conversão com os grupos infiéis, o principal objetivo de Falkner ao redigir a sua *Descripción* é outro. Entretanto, não podemos deixar de perceber que José Cardiel também foi um homem de seu tempo. Dessa maneira, além de seu *lugar social* enquanto jesuíta, ele transparece, sim, algumas das mudanças ocorridas no século XVIII. Cardiel buscou conhecer as características físicas e geográficas do continente, das populações, para permitir que a coroa fizesse mais rentáveis as suas colônias (WEBER, 2007), ainda que estas características sejam muito mais marcantes na obra de Falkner, como veremos a seguir.

### **Thomas Falkner S.J.: entre o *ser* missionário e o *ser* “cientista”**

Thomas Falkner era um inglês calvinista, com formação em medicina, que veio para a América do Sul trabalhar por volta do ano de 1731. Após o Tratado de Utrecht, a Inglaterra recebeu o direito de comercializar escravizados com as colônias espanholas na América. Falkner também estava a serviço da Royal Society de Londres, como físico e botânico. Ele percorreu uma ampla região da Província Jesuítica do Paraguai: Santa Fé, Córdoba, Mendoza, Santiago do Chile e Buenos Aires, onde adoeceu. Foi atendido por um padre da Sociedade de Jesus e se converteu ao catolicismo. Ordenou-se sacerdote da Companhia de Jesus em 1739. Em 1746, ele participou da fundação da redução de *Nuestra Señora del Pilar del Volcan* (na pampa bonaerense), e, em 1768, com a expulsão, partiu para a Europa no mesmo grupo de José Cardiel.

A *Descripción de la Patagonia y de las partes contiguas de America del Sur* [1774] de Thomas Falkner foi editada e publicada pela primeira vez na Inglaterra e teve uma ótima recepção no país. Na Espanha, ao contrário, foi duramente criticada, pois apresenta muitas informações sobre as fragilidades de segurança e organização do império espanhol.

A obra de Thomas Falkner é um relato ímpar para investigação da região da pampa bonaerense e das populações nativas que lá habitavam. Isso, pois, difere muito de outras narrativas produzidas no período do Setecentos devido à história de vida e à personalidade desse jesuíta. Como dito anteriormente, Falkner era um inglês calvinista que, em viagem de expedição à América como médico e botânico, se converteu ao catolicismo e, posteriormente, se ordenou na Companhia de Jesus. Tal contexto faz com que, ao lermos a sua obra, possamos perceber que a escrita de um viajante naturalista, um botânico, interessado em categorizar, classificar e informar a fauna, a geografia e os grupos humanos presentes na região, se faz presente de forma significativa, convivendo com o fato de ele ser um missionário jesuíta em trabalho apostólico, e, muitas vezes, se sobressaindo a isso.

Assim, precisamos compreender o que significa dizer que Thomas Falkner S.J fala a partir do *lugar* de um europeu, médico e botânico do século XVIII. Quando o religioso escreve a sua *Descripción*, ele está apresentando um relato de viagem ao interior continental da América do Sul (uma parte desse território, ao menos), prática que se tornara a representação da nova consciência global europeia (PRATT, 1999). Esse relato, é possível perceber a partir de seu conteúdo sobre flora, fauna e geografia, investiga “cientificamente” – conforme os padrões de ciência da época – a região de *tierra adentro*<sup>vii</sup>, atitude que estava em crescente por toda a Europa. Se, nos dois primeiros séculos de colonização a atitude que predominava era a de

exploração atlântica e das faixas costeiras, no século XVIII começa a surgir a necessidade de conhecer os interiores coloniais (PRATT, 1999).

Levando em consideração as circunstâncias de escrita, edição e publicação da obra de Falkner (1774), podemos entender que o relato foi fortemente influenciado por este contexto do século XVIII. De acordo com a autora,

O texto escrito a partir das memórias de um velho jesuíta sobre sua estada nos territórios da Pampa-Patagônia da atual República Argentina, aportou um quadro de informações inéditas ao público europeu, especialmente inglês, sobre territórios que mesmo os espanhóis pouco conheciam. De fato, em meados do Setecentos, o território que se estendia ao sul de Buenos Aires era praticamente ignoto para os ocidentais. Foi somente a partir de 1740, quando os padres da Companhia iniciam um trabalho de “missão por redução” nesta área, que a região chamada “*tierra adentro*” e suas populações passaram a ser descritas mais sistematicamente (MARTINS, 2017, p. 37).

A partir da leitura de Mary Louise Pratt (1999), sabemos que os escritos de viagem desse período ajudaram a construir o *euroimperialismo*, visto que, a exploração científica se tornaria “[...] um foco de intenso interesse público, e fonte de alguns dos mais poderosos aparatos ideológicos e de idealização, por meio dos quais os cidadãos europeus se relacionaram com outras partes do mundo” (PRATT, 1999, p. 52-53).

É inegável, portanto, que a História Natural iluminista teve influência na obra de Thomas Falkner, pois esta, modificou os relatos, fossem eles de cunho científico ou não. A necessidade de descrever e representar os “outros” está evidente no conteúdo da *Descripción*. Os esquemas classificatórios que Falkner desenvolve, seja na descrição da geografia, da biologia, ou dos grupos nativos do território pampeano-patagônico representam uma tendência da época, em que nomear, classificar e representar é exercer poder sobre algo (PRATT, 1999).

Ainda segundo Mary Louise Pratt (1999), existiam duas ideologias dominantes no período e a escrita de Falkner representa ambas, uma vez que, fica claro que o seu esforço e empenho são pela busca pelo conhecimento, entretanto, o seu relato também serviu de fonte para aqueles que buscavam a riqueza econômica, neste caso, principalmente, para a Inglaterra.

Ivonne Del Valle, em seu livro *Escribiendo desde los márgenes. Colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII*, nos esclarece que os religiosos da Companhia de Jesus que atuavam nas fronteiras do império e não eram espanhóis ou hispano-crioulos, mas de outras nacionalidades europeias, viviam uma situação de ambiguidade de interesses. Segundo a autora,

Estos jesuitas, sin ser criollos, tenían a diferencia de sus compatriotas que escribían desde el otro lado del Atlántico, una experiencia prolongada en América: muchos de ellos conocían las regiones en las que se encontraban mejor que cualquier otro extranjero o cualquier criollo novohispano. (...) En este sentido, los jesuitas “extranjeros” (para simplificar) representan la

presencia europea que podía escudriñar los territorios en los que se encontraba y relatar directamente su versión de los hechos (las riquezas y recursos naturales) a quienes en casa esperaban información certera. (DEL VALLE, 2009, p. 60-61).

Desta forma, Thomas Falkner se enquadra dentro deste perfil. Um inglês que se converteu ao catolicismo, entrou para a Companhia de Jesus e estava, em “teoria”, à serviço da coroa espanhola. Entretanto, o seu relato, publicado apenas em 1774, na Inglaterra, apresenta diversas informações valiosas sobre o território e suas potencialidades às “nações inimigas” da Espanha, além de duríssimas críticas à administração feita pelos espanhóis da região austral. A *Descripción* de Thomas Falkner teve, portanto, uma repercussão muito positiva na Inglaterra, e, como podemos imaginar, na Espanha ela foi recebida de forma negativa.

Além disso, reafirmamos novamente, que, a obra de Falkner demonstra uma grande influência da Ilustração, pois, a partir desta, surge a tendência à valorização do conhecimento baseado na observação, no empirismo (WEBER, 2007). Isso é facilmente identificável na leitura da *Descripción*, uma vez que Falkner recorre, em vários momentos, para alegar a veracidade de suas palavras, ao argumento de que ele mesmo viu e presenciou determinado fato. Tal constatação nos leva ao próximo ponto.

Podemos considerar Thomas Falkner como um “homem-fronteira” (HARTOG, 2004), na medida em que ele se coloca como um marco da “civilização europeia” dentro do cenário da “barbárie” que representava para ele a pampa-patagônia. Ou seja, Falkner se coloca como aquele que tem o conhecimento necessário para ordenar e classificar o ambiente e os habitantes daquela região, através da tradução das práticas sociais e culturais que ele observou. Com os pés nos confins da América do Sul, entretanto, sem nunca deixar de ser um homem branco e europeu, que busca traduzir para “domesticar a alteridade”, e para se afirmar ele próprio como diferente do *outro* retratado (HARTOG, 2004).

### **Retórica da alteridade**

A partir da leitura e análise das fontes primárias utilizadas neste trabalho verificamos que existem três características sobressalentes sobre os indígenas que elas veiculam. Esse fato não se mostra diferente nos casos de Cardiel e Falkner, porém, como veremos adiante, a forma como cada um retrata essas “falhas” indígenas é o que se altera.

A primeira característica que iremos analisar é a de que os indígenas da região pampeana eram “vagos e vagabundos”, ou seja, há um estranhamento e uma crítica ao seu modo de viver<sup>viii</sup>. Como podemos constatar na seguinte citação da carta de José Cardiel:

Dos especies de indios son las q encontramos en la prov.<sup>a</sup>: unos de apie y labradores [...] y otros de acaballo, sin casas, ni pueblo, ni sementeras, ni obediencia â sus caciques, vagos, y vagabundos toda su vida sin serlo fixo, y viviendo siempre dela caza, y del hurto. los 1<sup>os</sup> por tener alguno genero de racionalidad y policia, no ha costado “mto” el convertirlos [...] los 2<sup>os</sup>. por su falta de racionalidad y policia, por su inata inercia, y por el horrible orror, q tienen â todo trabajo” (CARDIEL, 1956, [1747], p. 4).

Também podemos perceber o mesmo olhar sobre estes indígenas no discurso proferido no *Diario del viaje y mision ao Rio de los Sauces* [1748]:

“Ultimamente el año de 1740, redujo a pueblo a los pampas de las estancias de ganado d buenos aires que vivian en sus comarcas sin pueblo ninguno, ni gobierno, como **gitanos**, yasi viven las demás naciones que quedan sitadas” (CARDIEL, 1930, [1748], p. 249) [grifo nosso].

Portanto, percebemos que, apesar de expressá-lo em narrativas com objetivos diferentes, Cardiel demonstra uma forma equivalente de condenação dos hábitos indígenas, em ambas as fontes.

Thomas Falkner, em sua *Descripción de la Patagônia*, apresenta um discurso diferente comparado ao de Cardiel, visto que ele diz que entre “todas as las naciones del mundo no hay otras de que se cuente que sean tan caminadoras, ni que tengan tanta predisposición a moverse de un lugar pra otro” (FALKNER, 2003, [1774], p. 181), informação que ele dispõe enquanto descreve outras características dos grupos nativos. Podemos notar uma diferença considerável entre as narrativas, pois, Falkner informa, faz um relato do hábito da mobilidade destes índios e o modo como eles viviam, mas não faz um julgamento moral mais contundente a respeito disso, como no caso de Cardiel.

A embriaguez foi vista pelos jesuítas, no contexto das reduções, como um empecilho, não só à cristianização, mas, à civilização desses indígenas (VARELLA, 2013). Há muitas queixas de que essas bebidas alcoólicas traziam à tona rivalidades, causavam lutas e mortes. É importante salientar que a embriaguez dos indígenas poderia dar-se mediante o consumo de uma bebida fermentada de baixo teor alcoólico a qual eles mesmos fabricavam, ou, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, com a ingestão de bebidas de origem europeia como o vinho e, principalmente, a aguardente, através do contato e comércio interétnico.

Além disso, existem outros elementos, os quais os religiosos interpretavam como *vícios dos espanhóis* que entraram em contato com esses indígenas, como o jogo de cartas, que, quase sempre estavam associados ao ato de embriagar-se. Por este motivo, vemos nas fontes a insistência e o desejo dos religiosos em manter os neófitos apartados da sociedade hispano-crioula. Por sua grande incidência nas fontes, ilustrando tratar-se de um grande problema no

olhar dos religiosos, a noção do *índio borracho* será a segunda problemática abordada neste trabalho e, para isso, começamos com uma citação da carta de Cardiel.

[...] por q lo q en estas ven son algunas embriagueces, y “mtos” pecados de la carne. esto no les hace novedad, por q **ellos son muy dados â estos vicios, y en los dos ponen toda su felicidad** [...] “asistiran al principio â doctrina mientras duró el miedo; después no querian asistir. volvieron luego â las borracheras. armaron mtas. pendencias. hubo en diversos tiempos mtas. heridas, y muertes [...] su numero es casa de 20 familias. era mtas. mas al principio; pero poco â poco se fueron huyendo. su vida es fugaz todo el dia âla argolla, dados y naipes” (CARDIEL, 1956, [1747], p. 7). [grifo nosso].

Nesta parte da carta o religioso está relatando ao governador quais são as dificuldades que os padres encontram na conversão dos indígenas, sendo uma das maiores, o contato com os hispano-crioulos e o mau exemplo que estes dão aos nativos. Entretanto, nesse trecho em específico, Cardiel afirma que a embriaguez não foi um vício introduzido pelos espanhóis, mas, que, os indígenas já “eram dados a esses vícios”. Demonstra, portanto, a ideia de que tal comportamento, o qual ele entendia como negativo, fazia parte da cultura dos nativos antes mesmo do contato com os ocidentais. Ser *borracho* fazia parte da vida desses indígenas, na sua visão.

Thomas Falkner, por sua vez, em determinada parte de sua *Descripción* descreve quais são as causas da mortalidade dos indígenas da pampa bonaerense, no qual conclui que, “...lo que más los há aniquilado<sup>ix</sup> es el aguardiente que compran a los españoles...” (FALKNER, 2003, [1774], p. 169).

Sabemos que a inserção da aguardente na vida dessas populações alterou a relação desses indígenas com a bebida alcoólica (CORCUERA DE MANCERA, 1991). Houve uma mudança qualitativa na ingestão de bebidas embriagantes (WACHTELL, 1997), que antes possuíam cunho ritualístico, o que pôde ser verificado a partir do relato da *Fiesta del Elel*, descrita na crônica *Paraguay Cathólico. Los indios pampas-puelches-patagones* [1772], de Sanchez Labrador. Esse ritual era realizado pelos indígenas da região fora do contexto da redução, e foi observado e descrito a partir de filtros ocidentais. Entretanto, verificamos que a *chicha*, bebida fermentada produzida pelos índios, fazia parte, e era essencial para a realização dos ritos. Quando houve a inserção da aguardente e do vinho ocidentais no cotidiano dessas populações, uma série de outras práticas também foram introduzidas pelos próprios indígenas. O jogo de naipes, por exemplo, que quase sempre estava associado à ingestão de álcool, evidenciam que a bebida embriagante adquire mais um sentido para essas populações. Com isso, queremos dizer que ocorreu uma modificação no significado que a bebida tinha para essas

populações, a partir do contato e inserção da aguardente, os indígenas agregaram à embriaguez outros sentidos, como o caráter de socialização ao redor dos jogos, por exemplo. Esse fato é ignorado no julgamento que Cardiel faz, pois ele considera que a embriaguez não sofreu alterações com a introdução da aguardente, naturalizando um comportamento nos indígenas, que em realidade é sociocultural.

O terceiro estereótipo mais marcante nas narrativas destes jesuítas é o do “índio” *traíçoeiro* e *traidor*. Esse discurso estava se tornando cada vez mais forte no século XVIII de maneira geral, e no caso desses indígenas da pampa bonaerense, também conseguimos visualizar isso, conforme as seguintes citações das fontes de José Cardiel e Thomas Falkner:

[...] por q como infieles y barbaros, no tienen obediencia ni respecto, yen diciendo no, no hay fuerza para sacarlos de ay, como lo tengo experimentado muchas veces y como un misionero para poder formar pueblo necesita ver y rexistrar quanto numero de gente ay en todo el contorno, pues por solo el dhõ delos índios no se puede formar concepto [...] (CARDIEL, 1930, [1748], p. 253).

[...] son tan falaces estos pobres, como niños de 4 años; no se puede hacer concepto alguno de lo que dicen hasta verlo, nunca pude yo formar algun concepto de estas tierras por lo q leso ia; al verlas vi tambien sus muchas falcedades. (CARDIEL, 1930, [1748], p. 274). Podemos ver o mesmo posicionamento por parte de Thomas Falkner que diz que os indígenas são “bien amanerados, serviciales e tratables, pero muy inconsecuentes, y no hay que dar mucha fe a sus promesas y compromisos” (FALKNER, 2003, [1774], p. 181).

É interessante pensarmos que, neste caso, os discursos de Cardiel e Falkner se assemelham bastante, e, este é o estereótipo que ganha maior preponderância quando se encerra o trabalho missionário dos jesuítas, sobretudo no século XIX, para legitimar sucessivas campanhas de guerra contra esses grupos nativos, empreendidas pela república.

Havia, no século XVI e XVII, uma preocupação muito maior sobre as práticas religiosas dos indígenas, que se refletia de forma considerável nos escritos dos jesuítas por toda a América. Apesar de, no século XVIII, serem outras as preocupações que afetam mais os religiosos, ainda podemos visualizar alguns relatos acerca dos ritos desses indígenas, conforme a seguinte citação:

Se hacen la ilusión de que algunos de ellos después de muertos han de volver a estas cuevas misteriosas. también suponen que las estrellas son indios de antes (...). los brujos de ellos al son de sus cajas y de sus mates llenos de caracoles dicen que ven en el mundo subterráneo hombres, ganados, etc., con ventas de caña, aguardente, cascabeles y muchas otras cosas más. pero tengo fundados motivos de saber que no todos se prestan a creer en estas patranhas [...] (FALKNER, 2003, [1774], p. 188).

Entretanto, é perceptível que esse discurso ocorre de forma mais racionalizada no século XVIII, de modo a tratar as religiosidades indígenas como meras superstições, mentiras e enganações, de forma a menosprezá-las, e não mais temê-las.

Em tempo, não podemos deixar de destacar outro ponto marcante nos escritos dos jesuítas que trabalharam na região da pampa bonaerense, e, ainda que não se trate especificamente do que os religiosos consideravam vícios de caráter dos indígenas, está estritamente relacionado a isso. A acusação era de que os vícios e má conduta dos hispano-crioulos geravam um péssimo exemplo para os indígenas e os influenciavam de forma considerável. Os jesuítas chegaram a impor a excomunhão de *blancos* que vendessem aguardente aos nativos. Esse fato demonstra a complexidade dessa fronteira, ocasionada pelo grande número de atores sociais e interesses envolvidos nos contatos.

José Cardiel S.J foi mais duro nas críticas que proferiu aos indígenas, sobretudo, na carta que escreveu a um companheiro, intitulada *Sobre las dificultades que suele haber en la conversión de los índios infieles, y medios para vencerlas* [1747]. Nesta carta, Cardiel relata as dificuldades que existiam para a conversão dos “infieis” e os compara com os guaranis. O religioso trabalhou nas missões de guaranis e acreditava que somente trazendo-os para viver junto aos pampas, poderia convertê-los, através do exemplo.

Em contrapartida, Thomas Falkner escreveu uma crônica de viagem, na qual empenhou-se em descrever e classificar, tanto a natureza quanto os grupos indígenas da região. Concordamos com a análise de Martins, de que o relato de Falkner deve ser entendido como “parte de um conjunto de obras de natureza similar que, a partir de meados do século XVIII, aproximaram do público europeu culto, porções do planeta sobre o qual se tinha, ainda, pouca informação” (MARTINS, 2017, p. 35).

Portanto, ao contrário de Cardiel, ainda que também se trate de um religioso da Companhia de Jesus, o que indicaria uma inclinação maior ao trabalho apostólico, a obra de Thomas Falkner não deixa de transparecer os seus interesses enquanto um botânico e naturalista. Possui, dessa forma, caráter informativo e não apresentou com a mesma amplitude as características marcantes da escrita jesuítica, nem se preocupou em descrever, ao nível em que Cardiel atinge, as possibilidades de conversão das populações ditas “selvagens e infieis”. Ainda que tenha sido mais brando quanto ao julgamento moral de estereótipos sobre os indígenas, tratou de classificá-los, nomeando-os arbitrariamente em diferentes grupos, criando “etiquetas étnicas” (WEBER, 2007). Sabemos da impossibilidade de estas etiquetas serem

definidoras da identidade destes povos, pois é uma nomeação etnocêntrica, que não parte do entendimento dos nativos sobre si mesmos.

Assim, não se trata de fazer uma crítica *anacrônica*, de que a escrita de Cardiel é “mais etnocêntrica”, ou repleta de preconceitos e julgamentos, sem levar em consideração o contexto da época. Ambas foram escritas de homens – brancos e europeus – de seu tempo, um período de grandes transições e transformações como foi o século XVIII, e, por isso, são formas diferentes de observar e julgar o *outro*, o *diferente*.

Thomas Falkner, mesmo quando elogia os indígenas, o faz a partir de valores que, devido a sua cultura, considera bons, e por isso, trata-se também de uma visão etnocêntrica (TODOROV, 1993). Exemplo disso é a descrição dos atributos físicos e da personalidade destes indígenas. Quando Falkner descreve os *patagones*, habitantes do extremo sul desta região, como “atrevidos”, “corajosos”, “altos”, “fortes”, e com mulheres quase tão “brancas” como as europeias, o faz de forma elogiosa, colocando-os em um patamar acima dos pampas e serranos, pois eles teriam atributos considerados positivos em sua cultura ocidental.

De certa forma, o contexto histórico do século XVIII, com o desenvolvimento da História Natural, afetou também a escrita de Cardiel, pois ele passa a generalizar os indígenas, afirmando que a “natureza” dos índios é esta, ou aquela, conforme determinado comportamento moral que julga errado. Os dois religiosos utilizam como justificativa de seus trabalhos, os interesses comerciais de impérios – no caso de Cardiel, o espanhol, e no caso de Falkner, o inglês –, para além de uma justificativa apostólica. Segundo Ivonne Del Valle, isso demonstra uma adaptação dos jesuítas ao novo projeto colonial, uma vez que “en esta segunda etapa el projecto imperial es secular y se encuentra marcado por imperativos económicos y científicos - el supuesto derecho al comercio y al conocimiento” (DEL VALLE, 2009, p. 34).

Não podemos deixar de compreender que os religiosos estavam dentro do projeto de administração dos Bourbons, como instrumentos das mudanças que os colonizadores desejavam. Os jesuítas foram escolhidos pelos espanhóis para o trabalho com os nativos por sua

[...] capacidad negociadora tanto como en su condición de observadores cualificados, lo que en conjunto permitía al Estado colonial contar con un dispositivo de control y vigilancia que extendiera las redes del diagrama de poder colonial hasta el mismo interior del mundo indígena. (ARIAS, 2013, p. 1).

Portanto, muito da compreensão que a sociedade hispano-crioula tinha dos pampas e serranos, fora construída a partir dos relatos dos jesuítas que entraram em contato com essas populações.

### **Considerações finais**

A partir do desenvolvimento deste trabalho percebemos que o discurso sobre os indígenas da pampa por parte da sociedade colonial bonaerense não pode ser desassociado das relações interétnicas travadas nessa *zona de contato* (PRATT, 1999). Isso, porque, jesuítas e hispano-crioulos construíram narrativas sobre os nativos nas quais transparecem diversas questões desse contexto histórico do século XVIII.

Percebemos que, entre os termos negativos para se referir aos indígenas utilizados pelos religiosos, predominam as palavras *borracho*, *traíçoeiro* e *vagabundo*. É importante destacar, entretanto, que o modo como cada um dos padres construiu esta narrativa é diferente.

O jesuíta José Cardiel condenava os hábitos e características dos indígenas sem nunca perder as esperanças de um dia convertê-los em cristãos e civilizados, servindo, deste modo, à sua fé e à coroa espanhola. Além disso, demonstrou no seu discurso a defesa da permanência da Companhia de Jesus e seu trabalho apostólico na região, sendo imprescindível analisar suas colocações sobre os nativos dentro deste contexto. Também não podemos esquecer que Cardiel escreveu os seus relatos enquanto vivenciava os acontecimentos na América.

Enquanto isso, o inglês Thomas Falkner S.J transpareceu em sua narrativa, escrita na Europa e publicada em 1774, o olhar de um cientista do XVIII, que explora a geografia e as populações do local com o objetivo de enquadrá-las dentro da ordem vigente no período da segunda metade do Setecentos, ou seja, a classificatória com viés naturalista. Portanto, ainda que seja menos enfático ao expor os “vícios” indígenas, cria classificações étnicas para esses grupos, característica de um olhar etnocêntrico sobre o outro, que busca nomear para exercer poder sobre (PRATT, 1999).

O principal objetivo desse trabalho foi verificar, a partir das escritas de dois jesuítas contemporâneos e que descreveram as mesmas populações, que o conceito de *lugar social* (CERTEAU, 2000) pode ser utilizado para além da noção paradigmática de membro do corpo social Companhia de Jesus. Minha intenção não foi a de excluir a importância da tradição e dos parâmetros da ordem religiosa na produção dos discursos dos religiosos, mas, apenas apontar

para a abrangência do conceito deste intelectual francês, que é, antes de tudo, uma autocrítica sobre a nossa própria prática historiográfica.

Nesse sentido, considero o *percurso/itinerário* (CERTEAU, 2000; HARTOG, 2004) de Falkner e Cardiel (no *Diário de viagem*), um movimento que carrega os *olhos*, brancos, europeus e masculinos (PRATT, 1999), por terras e povos “estranhos”, constrói uma operação discursiva que busca dominar essa estranheza, isto é, uma *retórica da alteridade* (HARTOG, 2004). Assim, esses jesuítas atuaram como viajantes tradutores. Foram *homens-fronteira*, pois ao se deslocarem carregaram consigo os signos do que era ser cristão e ocidental, demarcando a alteridade ao encontro com os indígenas. Foram também *homens-memória*, pois a acionavam a todo instante nesta *zona de contato*, para buscar conservar as suas identidades enquanto europeus-cristãos (HARTOG, 2004).

Entretanto, foram também tocados por este “outro”, e as descrições do modo de vida dos indígenas, embora muitas vezes estereotipadas, podem ser vistas através das *quedas/lapsos*, do discurso ocidental, como diria Certeau (2000), ou ainda, das *piscadelas*, como denominou Hartog (2004), nos auxiliando a conhecer algumas características dessas sociedades. Principalmente no caso de Thomas Falkner, nós podemos verificar os *olhos* e os *ouvidos* enquanto instrumentos colonizadores, pois ele repete muito na sua *Descripción*, frases como por exemplo, “sei por que eu mesmo vi”, ou, “sei porque ouvi falar”.

A intenção foi perceber que o *lugar social* que baliza a escrita de Falkner é muito mais relacionável ao de um viajante naturalista, enquanto que as fontes de autoria de Cardiel o posicionam no lugar de um missionário jesuíta, focado e dedicado à evangelização de “infieis”. Em síntese, além de definirmos os relatos dos dois religiosos enquanto *retóricas da alteridade* (HARTOG, 2004), também podemos vê-los enquanto um processo de *hermenêutica do outro*, o qual, busca “fornecer ao Ocidente moderno com o que articular sua identidade numa relação com o passado ou o futuro, com o estranho ou a natureza” (CERTEAU, 2000, p. 239).

## Referências bibliográficas

ARIAS, Fabián. Frente al Leviathan... Prácticas de contención fronteriza aplicadas por los administradores borbónicos en los territorios rioplatenses: la jurisdicción de Buenos Aires entre 1740-1755. In: *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007.

BECHIS, Marta. *Piezas de etnohistoria del sur sudamericano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

COELLO, Alexandre de la Rosa; & HAMPE, Teodoro Martinez [eds.] *Escritura, imaginación política y la Compañía de Jesús en América Latina [siglos XVI – XVIII]*. Espanha: Bellaterra, 2011.

CORCUERA DE MANCERA, Sonia. *El frayle, el índio y el pulque*. Evangelización y embriaguez en la Nueva España (1523-1548). México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

DEL VALLE, Ivonne. *Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuítas en el siglo XVIII*. México: Siglo XXI, 2009.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

IRURTIA, María Paula. El cacicazgo en la región pampeana-norpatagónica argentina a mediados del siglo XVIII: La actuación de los caciques en torno a la instalación de las misiones jesuíticas. *Anthropologica*, vol. 26, nº 26, p.199-228, dez, 2008.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, no 43, p. 11-32, 2002.

MANDRINI, Raúl. Las fronteras y la sociedad indígena en el ámbito pampeano. *Anuario del IEHS*, nº 12, Tandil: UNCPBA, pp. 23-34, 2004.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Para entablar las paces?: o acordo de Casuati e o manejo da fronteira bonaerense. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, Nº. 22, p. 07- 36, Jan./Jun., 2017.

\_\_\_\_\_. Cultura escrita e projetos coloniais: “A Descrição da Patagônia” de Thomas Falkner. *Revista Maracanan*. n.16, p. 34-51, jan/jun. 2017.

\_\_\_\_\_. As missões de pampas e serranos: uma experiência de fronteira na pampa argentina (Século XVIII). *Clio - Revista de Pesquisa Histórica*, nº 30.1 p.1-17, 2012.

\_\_\_\_\_. Uma viagem pelos “confins do mundo”. A missão ao Rio Sauce. In: *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA* – Fortaleza, 2009.

NACUZZI, Lidia. Repensando y revisando el concepto de cacicazgo en las fronteras del sur de América (Pampa y Patagonia). *Revista Española de Antropología Americana*, vol. 38, núm. 2, 75-95, 2008.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo. Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica. *História da Historiografia*. Ouro Preto.n. 7, nov./dez, 2011, pp. 266-278.

- ORTELLI, Sara. Marginalismo y relaciones interétnicas: blancos y índios en la frontera rio-platense en el siglo XVIII. *Revista Complutense de História da América*. n.26, pp 181-198, 2000.
- PALOMO, Federico. Corregir letras para unir espíritus. Los jesuitas y las cartas edificantes en el Portugal del siglo XVI. *Cuadernos de Historia Moderna*, IV, pp. 57-81, 2005.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. São Paulo: Edusp, 1999.
- REIS, A. R.; Kalil, L. G. A. Sociabilidades criollas na América Hispânica. In: CAÑIZARES-ESGUERA, J.; FERNANDES, L. E. O.; MARTINS, M. C. B. (Org.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. 1ed. Curitiba: Prismas, 2018, v. 2, p. 17-50.
- RODRIGUES, L. F. M. A MIS EN XPO. MUY AMADOS PADRES Y HERMANOS DELA COMPANIA DE JESU. A ESCRITA JESUITICA SEGUNDO INACIO DE LOYOLA. *CLIO*. Série História do Nordeste (UFPE), v. 28, p. 01-20, 2011.
- SILVA, Juliana Aparecida Camilo da. *A fronteira negociada: índios e espanhóis nos confins meridionais do império (século XVIII)*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2016.
- SILVA, Marcelo Augusto Maciel da. *ÍNDIOS E CRIOLLOS: RAPTO E APRISIONAMENTO: CARACTERÍSTICAS DO CATIVEIRO NAS FRONTEIRAS PAMPIANO-PATAGÔNICAS NO SÉCULO XVIII*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2018.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- VARELLA, Alexandre Camera. *A embriaguez na conquista da América: medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII*. 1. ed. São Paulo: Alameda; Fapesp, 2013.
- WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: A América Latina Colonial I*. São Paulo: USP; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1997, pp.195-239.
- WEBER, David. *Bárbaros*. Los españoles y sus salvajes en la era de la Ilustración. Barcelona: Crítica, 2007.

Submetido em: 12/10/2020

Aprovado em: 14/11/2020

Publicado: 11/12/2020

---

<sup>i</sup> Mestranda do curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, bolsista CNPq.

<sup>ii</sup> A pampa-patagônia era a região mais austral do império espanhol. Neste território, até meados do XVII, os contatos entre “brancos” e indígenas eram escassos. Portanto, grupos nativos viviam com relativa independência do poder colonial, ainda no XVIII. A partir do avanço de *pueblos* e *haciendas* coloniais e da dinamização das etnias indígenas, houve o incremento dos contatos interétnicos na região. Tais relações adquiriram uma tonalidade violenta na década de 1730, pressionando as autoridades a pensarem em estratégias de apaziguamento da

fronteira com a *tierra adentro* (território ocupado pelas populações indígenas independentes). Nesse sentido, as três reduções jesuíticas (*Nuestra Señora de la Purísima Concepción de los Pampas*, *Madre del Pilar del Volcon* e *Nuestra Señora de los Desamparados*) erigidas entre 1740 e 1753, enquadram-se dentro dessa iniciativa, e são espaços privilegiados para estudos de relações interétnicas, pois dinamizaram ainda mais os contatos neste espaço. Nas últimas décadas a historiografia sobre esse tema tem buscado renovar as interpretações acerca dessas relações, ver em: Bechis (2008); Irurtia (2008); Mandrini (2004); Martins (2017); Nacuzzi (2008); Ortelli (2008); Silva (2018) e Silva (2016).

<sup>iii</sup> CARDIEL, José. "Sobre las dificultades que suele haber en la conversión de los indios infieles, y medios para vencerlas". In: VIGNATI, Alejo m. (ed.) *Viajeros y documentos para el estudio del hombre americano*. Buenos Aires, Coni Editores, 1956, pp. 151-172. [1747]. CARDIEL, José. *Diario de viaje y misión al río del Sauce realizado en 1748, con prólogo de G. Furlong-Cardiff y f. outes*. Buenos Aires, 1930. [1748]. FALKNER, Tomás. *Descripción de la patagonia y de las partes contiguas de la America del Sur*. Buenos Aires, Taurus, 2003. A edição da *Descripción* utilizada neste trabalho foi organizada por Raul Mandrini – historiador argentino que se dedicou ao estudo das relações interétnicas entre ‘índios’ e ‘brancos’ na pampa bonaerense colonial – e publicada no ano de 2003.

<sup>iv</sup> O conceito de *criollo*, ou hispano-crioulo, não deve mais ser interpretado como uma referência exclusiva aos descendentes de espanhóis nascidos na América, uma vez que não foram apenas espanhóis que vieram viver nas colônias hispânicas. Além disso, esta lógica simplista exclui os mestiços e os peninsulares que se estabeleceram na América espanhola, por exemplo, não fazendo jus à complexidade dos cenários históricos em questão. Especificamente, no caso da região do Rio da Prata, “tal palavra só passou a ser empregada no século XVIII, com um sentido diferente, referindo-se, geralmente, aos mestiços que pertenciam às classes populares (REIS & KALIL, 2018, p. 24). Deste modo, quando a nomenclatura *criollo*, *hispanocriollo*, ou hispano-crioulo é referida neste trabalho, não se trata de uma autodefinição dos sujeitos históricos daquele contexto, mas, de uma construção *a posteriori*.

<sup>v</sup> A denominação *infiéis* era utilizada tanto pelos religiosos quanto pelas autoridades civis bonaerenses para evidenciar a diferença entre os nativos que eram considerados amigos, ou seja, os que estavam reduzidos e evangelizados, dos que estavam fora do controle espanhol, os *infiéis*.

<sup>vi</sup> O espaço por excelência onde aconteciam essas relações é conhecido como *fronteira*. Compreendemos esse espaço como uma *zona de contato* (PRATT, 1999), em que duas ou mais culturas distintas se cruzam, se estranham, se ressignificam, constroem e reconstroem suas identidades mediante o contato, tendo, todas elas, importâncias equivalentes e não hierárquicas.

<sup>vii</sup> O termo *tierra adentro* refere-se ao espaço territorial habitado e administrado por grupos indígenas pampa-patagônicos independentes do domínio e conquista espanhola.

<sup>viii</sup> De acordo com Martins (2012, p. 10), “No mais das vezes, à escassez de víveres, os índios respondiam retirando seus “toldos” dos povoados. Da mesma forma, a chegada de novas remessas de sortimentos, era um atrativo poderoso para fazê-los retornar. A missão parecia mais ser entendida como um dos seus acampamentos estacionais, em que os grupos permaneciam enquanto havia provisões”.

<sup>ix</sup> A palavra *aniquilado* não possui o sentido de enfermidade. O que o jesuíta diz nesta passagem é que a violência, gerada pelas *borracheras*, é a causa maior da mortalidade destes indígenas. Os jesuítas que trabalharam nestas reduções austrais sempre relataram com muito horror as rivalidades e conflitos que ocorriam durante as ditas *borracheras*, fato que sempre foi apontado como grande empecilho ao trabalho apostólico.